



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

**ENSAIO WITTGENSTEINIANO: UM PASSEIO PELOS PRINCIPAIS
CONSTRUTOS DO FILÓSOFO AUSTRIACO E DIÁLOGOS COM A RETÓRICA E
AS TEORIAS DA NARRATIVA**

**ENSAYO WITTGENSTEINIANO: UN PASEO POR LOS PRINCIPALES
CONSTRUCTOS DEL FILÓSOFO AUSTRIACO Y DIÁLOGOS CON LA RETÓRICA
Y LAS TEORÍAS DE LA NARRATIVA**

Allison Carvalho Silva
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)/Brasil
E-mail: acsilva@uefs.br

RESUMO

O presente ensaio corporificou-se a partir da adaptação de um exercício proposto no Grupo de Estudos em Direito, Linguagem e Produção do Conhecimento, pelo Prof. Dr. Eduardo Chagas Oliveira, em outubro de 2020. Periodicamente, foram indicados vídeos e textos em consonância com discussões anteriormente empreendidas no grupo acerca das *Investigações Filosóficas*, do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein. O decorrer das seções deste estudo possui um caráter progressivo, apresentando inúmeros elementos teóricos para fundamentar a tese wittgensteiniana de que as palavras ganham forma, por assim dizer, a partir do uso que delas fazemos e culminando, nas Considerações Finais, com uma síntese do que fora apreendido na própria execução do exercício e uma reflexão acerca de como o uso da linguagem está completamente imbricado com a educação em seu sentido mais amplo.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência. Filosofia. Narrativa. Retórica. Wittgenstein.

RESUMEN

El presente ensayo se concretó a partir de la adaptación de un ejercicio propuesto en el Grupo de Estudio en Derecho, Lenguaje y Producción del Conocimiento, por el profesor Dr. Eduardo Chagas Oliveira, en octubre de 2020. Periódicamente, se indicaron videos y textos en línea con las discusiones realizadas previamente en el grupo sobre *Investigaciones Filosóficas*, del filósofo austriaco Ludwig Wittgenstein. El transcurso de los apartados de este estudio tiene un carácter progresivo, presentando numerosos elementos teóricos para sustentar la tesis wittgensteiniana de que las palabras toman forma, por así decirlo, a partir del uso que hacemos de ellas y culminando, en las Consideraciones Finales, con una síntesis de lo apreendido en la ejecución misma del ejercicio y una reflexión sobre cómo el uso del lenguaje está completamente entrelazado con la educación en su sentido más amplio.

PALABRAS CLAVE: Ciencias. Filosofía. Narrativo. Retórica. Wittgenstein.



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho, de cunho sintético-articulador, fora construído a partir das narrativas do Prof. Dr. João Carlos Salles Pires da Silva, da Prof.^a Dra. Lineide do Lago Salvador Mosca, do Prof. Dr. Arley Ramos Moreno e do Prof. Dr. José Benjamim Picado Sousa e Silva. Não se pretende, aqui, elaborar novos construtos, mas fazer uma revisão bibliográfica pelo aporte teórico proposto pelos pesquisadores supracitados.

A fala do Prof. Dr. João Carlos Salles fora proferida na palestra *Ciência e Filosofia em Wittgenstein*, como parte do Café Científico Salvador, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA/UEFS), pela Livraria Multicampi (LDM), pela Tribuna da Bahia e pela Biblioteca Central do Estado da Bahia em junho de 2015. A fala da Prof.^a Dra. Lineide Mosca, por sua vez, integrou a conferência *Retórica e Argumentação na trilha do tempo: desafios e perspectivas*, como parte do evento *Conferências Dialógicas*, promovido pelo Grupo de Estudos Dialógicos em Discurso e Argumentação (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – PPGEL/UEFS) e transmitido via plataforma Google Meet em outubro de 2020.

Na sequência, foi abordada a exposição do Prof. Dr. Arley Moreno – *Wittgenstein e os valores: do solipsismo à intersubjetividade* – para a Universidade Nova de Lisboa e inspirada em artigo homônimo, publicado na revista *Natureza Humana*, edição de julho-dezembro de 2001. Finalmente, acrescentaram-se algumas contribuições dadas pelo Prof. Dr. Benjamim Picado em sua primeira aula do curso *Introdução às Teorias da Narrativa*, transmitida via plataforma YouTube em setembro de 2020.



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

Ao longo de toda a segunda seção deste trabalho, foi feita uma tecelagem das exposições à medida que foram apresentadas, sempre em uma perspectiva cumulativa, a fim de organizar a leitura do trabalho, e valendo a ressalva de que não se pretendeu esgotar todos os pontos de convergência, tanto pela extensa duração das apresentações – o que tornaria este exercício demasiadamente exegético – quanto por eventuais limitações ligadas a uma experiência acadêmica principiante nos estudos filosóficos.

Espera-se que, ao final deste percurso, tenham sido fundamentadas as bases para o entendimento de que, segundo a perspectiva de Wittgenstein, é somente através do uso que fazemos das palavras que elas ganham significações e, conforme a *Nova Retórica* de Chaïm Perelman, caracterizá-la “como uma técnica desenvolvida para a aquisição e uso persuasivo da linguagem” ou, ainda, “como um meio de construir argumentos, por meio de um procedimento dialógico que angaria valores e crenças na composição de ideias que pretendem sustentar uma afirmação” (OLIVEIRA, 2007, p. 107-108).

2 CORPO DO ENSAIO

Para melhor delinear a exposição de cada professor mencionado na Introdução, respeitando-se a autoria de suas respectivas contribuições – aqui resgatadas através de paráfrases, remissões e transcrições –, esta seção foi segmentada em quatro subdivisões. Oportunamente, articulações entre elas foram feitas no decorrer das páginas a fim de preservar o elo que integra o conteúdo de cada uma entre si e para com o escopo geral deste ensaio, com as devidas marcações de cada, ao longo do texto.

2.1 Primeira Exposição: Prof. Dr. João Carlos Salles Pires da Silva



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

Em sua exposição, o Prof. João Carlos Salles pormenoriza um ponto central da obra de Wittgenstein, que, como ele afirma, mantém-se desde o *Tractatus Logico-Philosophicus* – do qual algumas teses foram inteiramente reformuladas – até as *Investigações Filosóficas*, a saber: filosofia e ciência são discursos de natureza distinta. O Professor o faz através de um aforismo do próprio filósofo: inexistência de progresso naquela. Pode-se falar, pois, de uma contemporaneidade absoluta dos temas filosóficos.

Segundo o pesquisador, Wittgenstein – no Datiloscrito 213, de 1932 – já afirmava que “os mesmos problemas filosóficos que já ocupavam os gregos ainda nos ocupam”. A razão disso encontra correspondência ainda no trabalho do filósofo austríaco: “Enquanto houver o verbo *ser* [...]; enquanto existirem os adjetivos *idêntico, verdadeiro, falso, possível*; enquanto se continuar a falar de um fluxo do tempo e de uma extensão do espaço [...], as pessoas continuarão sempre a confrontar-se com as mesmas dificuldades enigmáticas e a espantar-se com algo que nenhuma explicação parece poder remover”.

Os problemas gramaticais, os problemas relativos à linguagem, que se constituem como a fonte do trabalho filosófico, sempre nos levam a reencontrar os mesmos problemas e são aparentemente inerradicáveis, porque estão interligados com os mais antigos hábitos de pensamento, isto é, com as imagens mais antigas que estão gravadas em nossa própria linguagem. “Essa é a razão da inexistência de progresso.” (SALLES, 2015).

O trecho resgatado do Datiloscrito 213 situa-se num momento em que Wittgenstein já renunciara a algumas teses fundamentais do *Tractatus Logico-Philosophicus*. Agora, ele já incorporara expressões relativas à linguagem, já fala em gramática, em proposições [gramaticais], em certo tipo de ligação fundamental entre linguagem e pensamento. Preserva-se, no entanto, a assunção de que ciência e



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

filosofia têm uma natureza distinta e de que os problemas fundamentais que alimentam a filosofia têm a ver com o mau entendimento da lógica da linguagem.

O Professor desenvolve sua exposição a partir de duas proposições que julga centrais para a compreensão do pensamento wittgensteiniano, a serem tratadas nos parágrafos seguintes com a devida indicação no início de cada uma: (A) “O que se pode gerar ou dizer pode-se dizer claramente”; e (B) “Sobre aquilo que não se pode falar, deve-se calar”.

(A) João Carlos Salles afirma que “tudo o que se deixa dizer é mundo”; dito de outro modo, o mundo só se deixa dizer a partir desta unidade mínima a que se denomina *fato*. É por isso que Wittgenstein diz que o mundo é resolvido em fatos, não em coisas. Nas palavras de Salles (2015), “do mundo, eu só posso começar a dizer algo se eu tiver um fato, um fato que relacione, que tenha uma estrutura em relação à qual uma proposição, uma estrutura de linguagem, contendo a mesma forma, diga *que é assim, que está assim e assim*, e que ao dizer que *está assim e assim* pode ser verdadeiro ou falso”.

Tudo o que se deixa dizer pode ser enunciado claramente em proposições. Se pode ser anunciado em proposições significativas, essas podem ser verdadeiras ou falsas. Dessa forma, aquilo que não se articula, proposições malformadas, proposições que só possam ser essencialmente verdadeiras (tautologias) ou só possam ser essencialmente falsas (contradições), não são significativas, porque são “pontos-limites da possibilidade de dizer, os limites do que se chamaria *espaço lógico*, onde mundo e linguagem podem se encontrar, porque compartilham a mesma forma lógica.” (SALLES, 2015).

Fazendo a ressalva de que esta é uma simplificação brutal, Salles (2015) expressa que o mundo se deixa dizer em proposições científicas, isto é, em proposições das ciências naturais; isto significa que as proposições científicas podem dizer o mundo porque elas são significativas. Ele continua: “Mas, se é assim, não é do campo das proposições científicas o sublime, o místico, o ético, o estético”.



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

(SALES, 2015). Aquela primeira parte agradava aos positivistas lógicos, que viram no *Tractatus* um instrumento de demolição da metafísica [*sic*], de proposições que não teriam condições de afigurabilidade ou estatuto de ciência. (SALLES, 2015).

(B) A segunda enunciação, segundo o Professor, desagradava ao Círculo de Viena, porque Wittgenstein objetivava o entendimento de que sobre aquilo que não se articulam proposições significativas – a fórmula do mundo, a totalidade, o valor, o ético/estético – não se pode tentar *dizer*, *amesquinhar* em proposições científicas. O paradoxo é precisamente este: o significativo não é relevante, e o que é relevante não é significativo [*sic*]. Demonstrando concordância com a “virada” filosófica de Wittgenstein, o Professor comenta: “se eu compreendo que o significativo é o campo das proposições das ciências naturais, ele não toca nas questões essenciais, mas o que é relevante também não se deixa dizer; não posso fazer ciência com isso” (SALLES, 2015).

No encerramento do *Tractatus*, escreve o filósofo austríaco: “Sentimos que, mesmo que todas as questões científicas possíveis tenham obtido resposta.” [ou seja, como parafraseia Salles (2015), se todas as proposições de ciência fossem enunciadas, se todo o campo do significativo fosse esgotado e não houvesse mais nenhuma lacuna em nosso conhecimento], nossos problemas de vida não terão sido sequer tocados”. O Professor afirma que o *Tractatus*, em resumo, apresenta a forma das proposições científicas, o que é ser uma proposição¹. Entretanto, ainda segundo sua explanação, isso funciona bem para tratar do campo do discreto, mas não dá conta do que envolve continuidade, porque é gerado um problema de afiguração.

Wittgenstein descobre que não havia demarcado de vez o campo do significativo ao ser confrontado pelo filósofo inglês Frank Ramsey sobre esta questão: enunciados sobre cores, por exemplo, envolvem incompatibilidades que não podem

¹ Proposição: é um resultado da aplicação sucessiva da operação N às proposições elementares, sendo essa sua forma geral (WITTGENSTEIN, 1993 apud SALLES, 2015).



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

ser traduzidas na linguagem verifuncional do *Tractatus*, aquela que está contida na fórmula geral da proposição (SALLES, 2015).

A relevância desse contraexemplo reside no fato de ele constituir-se como uma proposição que não é propriamente uma contradição, por não ser do campo falso (se estivesse ligada a uma impossibilidade lógica, conforme Wittgenstein já havia postulado), mas ao mesmo tempo parece dizer algo sobre o mundo, no sentido de que *se eu sei que uma parede é amarela, eu sei sem precisar olhar a fim de saber que ela não é vermelha ou azul* (SALLES, 2015).

Logo, se Wittgenstein não havia demarcado de vez o campo do significativo, então, em certa medida, não demarcou de vez a separação tão estrita entre o que a filosofia pode talvez insinuar e o que a ciência pode dizer (SALLES, 2015). O Professor pontua que essa demarcação restabelece uma tensão crítica na obra do filósofo, porque a demarcação precisa do que eu *posso* conhecer (campo da ciência) e do que somos levados a pensar, mas não é da mesma ordem (campo da filosofia). Ele aponta que, apesar de inicialmente ter o *Tractatus* acolhido pelos positivistas lógicos, Wittgenstein valoriza o que eles desprezam: as proposições da metafísica, ainda que não exatamente proposições, tocariam o que é relevante.

Wittgenstein, então, empreende uma forte dimensão, segundo o Prof. João Carlos Salles, de continuar analisando um conjunto de proposições que se chamariam *gramaticais*, bem como um conjunto de imagens em que somos levados a pensar, sendo esse conjunto de imagens o resultado de um enfeitiçamento do pensamento pela linguagem, ainda parafraseando o filósofo.

Todavia, Salles (2015) aponta que não mais agora é uma linguagem cuja análise permite separar de uma vez por todas os campos da filosofia e da ciência, ou a dimensão do espaço lógico, ou o campo do significativo, ou mesmo uma relação universal entre *necessário* e *possível*; desta vez, estaríamos sendo devolvidos ao mundo, à rudeza dos jogos de linguagem, onde aprendemos que o pensamento



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

sempre será levado, mas nunca poderá eludir aquelas questões filosóficas que sempre retornam, porque estão instaladas em usos próprios da linguagem.

O Professor argumenta que a igualdade, se verdadeira, precisa se referir a algo que não está nos modos de apresentação de uma das partes e deve remeter a um objeto. Se não for assim, a filosofia não se satisfaz. A explicação a isso, ancorada em Wittgenstein, encontra-se no fato de que a tentativa de expressão da igualdade é, ela mesma, falsa. Por exemplo, ao enunciarmos que $A = A$, parecemos dizer algo sobre *o modo de dizer*, sobre *a própria forma*, e não sobre A (SALLES, 2015).

O Professor expõe que é como se estruturássemos o dizer da proposição separando um modo de dizer sobre ela, uma metalinguagem que não se põe no mesmo nível da linguagem do objeto, de tal sorte que a proposição $A = A$ não é semelhante, em sua natureza formal, à simples afirmação de A . Ainda segundo Salles (2015), parafraseando Wittgenstein, a igualdade é totalmente supérflua quando não falsa, porque, no exemplo em questão, se verdadeira, bastaríamos dizer A , que, na expressão, é necessariamente igual a si mesma.

Entretanto, a falsidade de $A = A$ só não se aplica a uma coisa, justamente porque não é coisa: o *sujeito* – sendo ele o único que pode colher a si mesmo dos dois lados dessa expressão, que pode representar a si mesmo e cuja representação de si é o ato mesmo formal desta ligação entre as partes. Ao explicar isso, Salles (2015) afirma que acabara de apontar o princípio fundamental do idealismo absoluto². A condição da igualdade é um sujeito que põe a si mesmo, porque, pondo a si mesmo, pode garantir a igualdade de qualquer objeto a ser conhecido, tendo em vista que é este sujeito que vai colhê-lo nas duas formas de proposição.

² Idealismo absoluto: o mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas, e só faz parte do mundo o que se deixa representar. Esta estrutura idealista fundamental está imbricada com a reflexão sobre noções como *idêntico*, *igual*, *necessário*, *possível* (SALLES, 2015).



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718**

Para Salles (2015), a filosofia não deixa de ser este movimento que retira a linguagem de sua condição de *uso* para que se volte sobre sua condição de *pensamento*, que se vê, se assiste, se assusta, se espanta – e, por isso mesmo, não progride, porque não deve progredir, porque seu lugar é fundamentalmente este lugar de recomeço, de teste dos fundamentos, ainda nas palavras do Professor.

Por fim, também sobre os limites entre os saberes filosófico e científico, ele afirma que a filosofia intenta cobrar razões para o que muitas vezes já sabemos, ou *aparentemente* sabemos, para aquilo de que nunca duvidaremos – “o fogo queima, o pão alimenta” –, para o que está bem estabelecido e para o uso de palavras como “necessário”, “possível”; ela gerencia palavras que modalizam nossas proposições sobre a realidade. Conforme os escritos de Wittgenstein:

A filosofia desata os nós em nosso pensamento, que urdimos de modo insensato; por isso, porém, ela precisa fazer movimentos tão complicados quanto o são esses nós. Embora então o resultado da filosofia seja simples, não o pode ser seu modo de chegar a ele. A complexidade da filosofia não está em sua matéria, senão em nosso entendimento atado (WITTGENSTEIN, 1984 apud SALLES, 2015).

2.2 Segunda Exposição: Prof.^a Dra. Lineide do Lago Salvador Mosca

O “na trilha do tempo”, presente no título da palestra, justifica, nas palavras da Prof.^a Lineide Mosca, o mergulho no passado greco-latino, onde estão fincadas nossas raízes, além de nos permitir antever as possibilidades de transformação e renovação. Logo, o diálogo entre os diferentes modos de reação de nossas culturas é fundamental para entendermos o mundo e as trocas que nele se fazem, mesmo porque o uso da palavra incorre em fins diversos, como interesse e poder.

Além dos meios próprios de cada cultura, com suas idiossincrasias e identidades, podemos falar de uma *retórica transcultural* ou *intercultural* (MOSCA, 2020). A interação é o meio através do qual se dá a retórica argumentativa, sendo o



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

processo argumentativo seu eixo central. Em outras palavras, Mosca (2020) elucida que não é possível pensar em argumentação fora de uma perspectiva interativa: “Pode-se nascer eloquente, mas se torna um ser retórico aprendendo”.

A Professora afirma que é preciso considerar sempre o auditório a quem nos dirigimos, citando Platão para resgatar a importância dada por ele ao ato de pensar ou de se conhecer o uso que se faz do conhecimento e do pensamento. Mosca (2020) menciona, ainda, que Aristóteles trazia uma formulação de retórica³ que nos permite adaptar às épocas e aos lugares em que se dão. A dialética, outra fase da retórica de acordo com o pensamento aristotélico, estaria sempre no terreno do provável, do que é *possível de ser*, e não da certeza – sendo esta *probabilidade* um dos pontos comuns entre a dialética e a retórica (MOSCA, 2020).

Ao explicar os diferentes momentos pelos quais a retórica passou, Mosca (2020) afirma que, em determinados períodos da história, sobretudo naqueles de forte concentração de poder, a retórica concentrou-se na parte formal do plano de expressão, tratando a linguagem como um “normato”. De acordo com ela, os estudos retóricos voltaram-se, portanto, para as figuras, porém em detrimento das outras partes que constituíam a antiga ciência retórica ou *edifício retórico*⁴.

Tal abordagem vai ao encontro do que fora apresentado por Salles (2015), especificamente quando esse menciona as questões filosóficas que estão instaladas nos usos próprios da linguagem e que, por isso mesmo, fazem com que a filosofia desloque a linguagem de seu uso mais pragmático, por assim dizer, para sua condição de pensamento, onde, retomando o raciocínio de Mosca (2020), não se faz um uso artificial da expressão, mas, na contramão, um *bem pensar* e um *articular de ideias e palavras* para recobri-lo com justeza.

3 Retórica: segundo Aristóteles, é a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir (MOSCA, 2020).

4 Edifício retórico: o *bem pensar* e o *articular as ideias e palavras* que o recobririam com justeza, em vez de afunilar isso para a expressão de modo artificial (MOSCA, 2020).



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

Ainda de acordo com a Professora, a retórica e a oratória faziam parte da formação do cidadão como habilidades necessárias ao exercício da cidadania⁵. Os campos do preferível e da opinião são do domínio do desacordo, da discrepância, uma vez que temos aí um estado de não unanimidade, de cruzamento de influências, de maneiras distintas de ver a realidade (MOSCA, 2020). Vale salientar que o *persuadir* vai além do *convencer*, porque o persuadir leva a – ou deve completar-se em – uma ação, ainda que pelo discurso; *agir sobre o outro* é uma ação, tal como *agir sobre o mundo*. Logo, o *convencer* fala mais ao entendimento, nas palavras da Professora.

De acordo com o raciocínio perelmaniano, resgatado na palestra, o chamado *auditório* pode compreender um interlocutor individual, um grupo ao qual se dirige ou aquele em que o sujeito dirige-se a ele próprio. Mosca (2020) salienta que, mesmo no processo de autodeliberação⁶, o sujeito esbarra no social, porque com a volta a si próprio ele tenta compreender o mundo: “Por que eu fiz isso?”, “Deveria ter feito de tal forma”.

Seguindo em sua apresentação, a pesquisadora afirma que o *logos*, o *ethos* e o *pathos* são inseparáveis nas funções que cabem à retórica, constituindo, por isso mesmo, uma tridimensionalidade. De acordo com ela, mesmo quando filósofos tentaram privilegiar o *logos* – que significa, simultaneamente, razão e palavra, ou razão e discurso –, o *ethos* (comover) e o *pathos* (agradar) revelaram-se fulcrais para que a retórica cumprisse com suas funções de informar, sensibilizar e agradar.

5 Cidadania: no mundo greco-romano, era um agrupamento reunido sob as mesmas condições políticas e apresentava um valor, sobretudo, moral; trazia, portanto, a ideia de pertencimento, de comunidade. A competência retórica era muito valorizada, manifestando-se com grande eloquência nas praças públicas (ágoras), lugar que se tornou simbólico com a prática da democracia, que também se formava; em resumo, um espaço de convívio (social) e comunicação (MOSCA, 2020).

6 Autodeliberação: também chamada de deliberação íntima, refere-se ao *auditório* em que o sujeito dirige-se a si próprio (Perelman). A grosso modo, a argumentação deliberativa pode ser equiparada a quando o sujeito “pensa alto”, quando fala consigo em momentos de introspecção e avaliação interior (MOSCA, 2020).



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

A Prof.^a Lineide Mosca discorre sobre a importância da pertença a um grupo, ligada a uma identidade, à escolha das figuras, porque elas não vêm em um plano só de superfície. Segundo ela, a análise do percurso gerativo de sentido da semiótica atesta que isso vem de estruturas profundas até chegar ao nível da manifestação do discurso, onde finalmente são feitas as escolhas de uma tematização que já vinha se pronunciando antes; não são, pois, escolhas postizas (MOSCA, 2020).

Temos aí outro ponto de convergência com a fala de Salles (2015) a partir do momento em que ele discorria sobre o retorno dos problemas filosóficos contemporâneos a um ponto primeiro, que era o mesmo dos filósofos clássicos por tocarem em questões essenciais, dos quais a ciência não dá conta: o estético, o ético, o imaterial – endossando, assim, a tese de que, sob esta perspectiva (a da continuidade dos problemas filosóficos fundamentais), não há progresso na filosofia. Há, pois, do mesmo modo, uma estrutura profunda, de onde emergem as narrativas subsequentes, que seriam *aparentemente* próprias da contemporaneidade, mas, com efeito, são contemporâneas às inquietações de nossas raízes greco-latinas.

Dando continuidade à sua exposição, Mosca (2020) comenta que Aristóteles coloca os *lugares* na base de tudo, porque tinham caráter universal e consistiam em uma espécie de manancial, por corresponderem a *onde* se buscam os argumentos. Nas teorias modernas, o lugar é entendido como o “estereótipo lógico-discursivo”, não se confundido com o lugar-comum em seu sentido depreciativo.

Para tornar o conceito mais didático, a pesquisadora exemplifica que alguns lugares são comuns a todo tipo de discurso, como o da depreciação e o da amplificação (a exemplo dos debates políticos). Verifica-se outro ponto de ligação com a narrativa de Salles (2015) quando Mosca (2020) sublinha que tais lugares não deixam de ter ligação com a ética, porque recaímos nela sempre que investimos valor em algo – exatamente o que é feito *com a* ou *a partir da* retórica.



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

Já no conceito de edifício retórico, a Professora fala em *retórica integral*, pois seu percurso de sentido parte da *inventio* (a tópica, o grande repertório da humanidade), passa pela articulação das escolhas feitas (*dispositio*) e concretiza-se na manifestação (o plano da expressão ou da linguagem, a *elocutio*), que se dá em dadas circunstâncias de uma enunciação, pois essa é sempre situada. Tudo isso se corporifica em uma *actio*, que compreende os gestos, as expressões faciais, a voz, as pausas, a prosódia, tudo o que faz parte do ato da comunicação (MOSCA, 2020).

Logo adiante, a Professora comenta os tipos de discurso que eram praticados no mundo grego e suas respectivas finalidades: (i) *judiciário*, acusar e defender; (ii) *deliberativo*, aconselhar e desaconselhar; (iii) *epidítico/demonstrativo*, elogiar e censurar. O tempo afetado pode ser *passado*, *futuro* ou *presente*. Quanto à categoria envolvida, temos a classificação em *epistêmica* ou *estética*. O tipo de auditório poderia ser uma *assembleia* ou um *espectador*. Sobre os critérios de avaliação: *justo ou injusto*, em (i); *útil ou prejudicial*, em (ii); *belo ou feio*, em (iii).

Por fim, o argumento típico empregado por cada um dos gêneros discursivos em questão pode ser: o *entimema*⁷, em (i); o *exemplo*, em (ii); e a *amplificação*, em (iii) – e essa separação é meramente didática, a fim de elucidar qual argumento se sobressai em cada tipo de discurso, pois normalmente acontecem em um feixe, isto é, apesar da relação de dominância segundo a qual os argumentos manifestam-se em um ou outro gênero, eles podem conviver dentro de uma mesma argumentação.

A *interação*, por sua vez, consiste em um dos polos (junto com a enunciação) no qual a argumentação se situa. Aqui, diz Mosca (2020), resgatamos alguns dos termos-chaves já delineados: *doxa*⁸, auditório e tridimensionalidade *logo-ethos-*

7 Entimema: subentende-se uma das premissas quando da formulação de uma dedução.

8 Doxa: conjunto de ideias do senso comum (crenças, convicções e expectativas admitidas e partilhadas por uma comunidade), isto é, as representações mentais que formam seu imaginário (MOSCA, 2020).



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

pathos. Ela acrescenta que todo discurso comporta um contradiscurso, ou seja, é passível de reformulações e adaptações.

Em um segundo momento, a Prof.^a Lineide escolhe quatro recursos retóricos frequentes para fazer algumas aplicações com base em nosso cenário político atual, sendo eles: *oximoro*, *ad hominem*, *ad populum* e ambiguidade. Conforme sua explicação, dá-se o oximoro quando temos uma situação de incongruência ou mesmo de absurdo; elementos que parecem negar-se, como, por exemplo, “silêncio retumbante”. No *ad hominem*, “o argumento deixa de incidir sobre a coisa [...] para voltar-se à pessoa do outro” (MOSCA, 2020), incluindo desqualificações, difamação, agravo, injúria ou, ainda, a utilização do argumento do outro contra ele mesmo.

O *ad populum* é o argumento voltado para o povo, explorando e exacerbando mitos, correndo o risco de incidir no populismo e incorrendo em argumentos falaciosos de falsas dicotomias, como as atuais polarizações (esquerda/direita é uma delas). Nas palavras de Mosca (2020), “do bem comum, que é um dos ideais da democracia grega, dá-se o salto para a manipulação da noção de povo e para os interesses de ordem pessoal ou de grupo (partidos, associações)”; assim, despertam-se paixões populares com base em componentes emocionais (indignação, ressentimento, ódio), que, quando acirradas, desembocam facilmente em seu ponto máximo, a efervescência (MOSCA, 2020).

Finalmente, a ambiguidade e a polissemia constituem a própria realidade e suas representações, como os estereótipos e clichês, através dos quais agimos. Como estratégia retórica discursiva, ainda nas palavras de Mosca (2020), a ambiguidade “constitui um apelo à reflexão do leitor ou do ouvinte, que é chamado a intervir como um coconstrutor do discurso, em que o efeito final de sentido prevalecerá nessa atividade interativa”, até que ele [leitor/ouvinte] fixe-se em determinada *interpretação*. Portanto, numa retórica tensiva, a ambiguidade incita a dúvida e estimula a polêmica; se foi desejada [pelo redator/orador], então podemos falar de êxito (MOSCA, 2020).



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

Em síntese, a Professora expõe que a retórica tem como função a criação de bons leitores, bons ouvintes e bons cidadãos, responsáveis e cientes dos poderes conferidos à linguagem em suas diversas manifestações, sendo este mais um ponto de convergência com a narrativa de Salles (2015), quando ele aborda que a filosofia ocupa-se de desvelar, ancorada na razão, o que está posto e/ou parece óbvio, gerenciando a linguagem no que se refere às palavras que utilizamos – em proposições – para modalizar a realidade, seja ela material ou metafísica.

2.3 Terceira Exposição: Prof. Dr. Arley Ramos Moreno

No texto em questão, o Prof. Arley Moreno inicia apontando os porquês de Wittgenstein ter reformulado seu percurso filosófico a partir do final da década de 1920, pós-*Tractatus*, que fora reiteradamente abordado na fala do Prof. João Carlos Salles, quando elucidou o que havia se mantido nos trabalhos subsequentes, mesmo com a descontinuidade de boa parte de suas teses daquele primeiro livro.

O Prof. Arley Moreno instrui que o modelo agostiniano do *Tractatus* fazia com que Wittgenstein assumisse a forma lógica do mundo como garantia da autonomia de sentido dos enunciados em relação a seus valores de verdade (MORENO, 2001). Ainda nas palavras dele, é como se as possibilidades lógicas de composição e exclusão garantissem o sentido linguístico, tornando-o previsível *a priori*. Desse modo, os enunciados éticos e estéticos, “por escaparem à forma lógica e aos fatos do mundo” (MORENO, 2001, p. 235), acabavam relegados à categoria de pseudoproposições, fora da linguagem, deslocados do espaço lógico significativo. Assim, conforme o autor, só poderiam ser vividos pelo sujeito solipsista.

Neste segundo período de sua reflexão, Wittgenstein – a fim de incluir na linguagem significativa os enunciados éticos e estéticos (de caráter valorativo), bem como os enunciados verificacionais (de caráter descritivo) – substitui a *forma lógica* pela *forma de vida* e expande o *sentido linguístico* como valor de verdade para o *uso*



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

convencional das palavras, isto é, o que agora regula o sentido são “rotinas de ação, hábitos linguísticos, convenções sociais ou, como diz Wittgenstein, a *praxis* da linguagem” enquanto processo produtor de sentido (MORENO, 2001, p. 243).

Com essa “virada”, os enunciados éticos e estéticos passam a ganhar conteúdo cognitivo – antes reprovados, na qualidade de pseudoproposições, por serem desprovidos de qualquer referencial mundano – e o lugar de solipsismo torna-se *intersubjetivo* e *gramatical* (MORENO, 2001). Mais adiante, o Professor clarifica que é, precisamente, “o uso [...] das palavras em situações de sua *aplicação*” que se constitui como “o fundamento *linguístico* e *pragmático* dos enunciados éticos” (MORENO, 2001, p. 241, grifos do autor).

Quando as definições de paradigma⁹ e predicação¹⁰ vêm à tona, temos uma compreensão mais bem delineada deste segundo período da reflexão wittgensteiniana:

Ora, a partir dos paradigmas predicativos, expressos por enunciados que Wittgenstein qualifica de *gramaticais*, dois tipos de usos se apresentam. Um uso descritivo, correspondendo a enunciados descritivos de propriedades empíricas de objetos – as proposições significativas, verdadeiras ou falsas do *Tractatus* –, e um uso analógico, correspondendo à indicação ou sugestão de semelhanças entre objetos. Por exemplo, a partir do conceito de *mesa*, cuja definição nos é conhecida, podemos afirmar que: “Esta mesa possui tais propriedades físicas”, como também que: “Esta mesa é como uma poltrona” (MORENO, 2001, p. 245, grifos do autor).

É pertinente sublinhar, conforme orienta o Professor, que tanto as descrições quanto as analogias, respectivamente, convergem-se na prática da linguagem

9 Paradigma: meio de apresentação da linguagem que não corresponde a qualquer conteúdo metafísico ou suprassensível; não é um dado da experiência que pode ter seu sentido determinado *a posteriori*, pois é norma *a priori*; e não se constitui como objeto de conhecimento sensível, uma vez que, sendo convenção normativa, é condição para o conhecimento dos conteúdos que permite organizar (MORENO, 2001).

10 Predicação: efeito deste novo instrumento linguístico (“novo” quando comparado ao *Tractatus*): o conceito. É quando Wittgenstein percebe que os enunciados, enquanto instrumentos linguísticos que comportam conceitos, podem exercer aquela mesma função paradigmática (MORENO, 2001).



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

enquanto construtora de convenções para que possam operar como paradigmas, que excluem o ilegítimo ou absurdo até um novo paradigma instaurar novas maneiras de comparar objetos e situações, maneiras essas que não prescindem de nossa vontade/aceitação (MORENO, 2001).

O modo como incorporamos as normas gramaticais a fim de despertarem nossas convicções e certezas dá-se, enfim, pela imersão nos jogos de linguagem e nas formas de vida, antes mesmo da apreensão de qualquer regra, tal como “primeiro aprendemos a falar nossa língua materna para depois aprender sua gramática” (MORENO, 2001, p. 250). Ainda de acordo com o Professor:

Partilhar os mesmos paradigmas significa assumir a mesma maneira de falar e de pensar os conteúdos de experiência, atribuindo-lhes os mesmos significados no interior do jogo, partilhar a mesma gramática conceitual, isto é, as mesmas regras que aplicamos ao combinar conceitos. A tarefa filosófica a que se propõe Wittgenstein, após o *Tractatus*, é a de descrever tais regras a partir dos usos que fazemos das palavras e dos conceitos. Trata-se, pois, de uma descrição *a posteriori* dos resultados da prática linguística, jamais de uma especulação *a priori* (MORENO, 2001, p. 251, grifos do autor).

Dessa inserção nos jogos de linguagem e nas formas de vida é que emerge a intersubjetividade que compõe o título desta exposição, pois as proposições gramaticais que dizemos – fruto de nossas convicções – são evocadas por um consenso gramatical, que, conforme assinala Moreno (2001), não é empírico, mas intersubjetivo, exatamente por tratar de acordos sobre o modo como falamos, pensamos, sentimos e agimos conjugadamente sobre o que existe e o que apresenta ou não sentido.

Já no final do texto, encontramos mais um ponto de intersecção entre a exposição do Professor Arley Moreno e a narrativa de Salles (2015). Este afirmava, quando da explicação de uma das enunciações de Wittgenstein – “Sobre aquilo que não se pode falar, deve-se calar” –, que ela desagradava ao Círculo de Viena. O porquê é evidenciado na fala daquele: o método encontrado por Wittgenstein no início dos anos 1930 não se constituía como um procedimento impessoal e rigoroso capaz



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

de conduzir a resultados exatos ou de tornar seu aplicador um “filósofo-perito” na resolução de problemas filosóficos por meio dele, como pretendiam seus contemporâneos analíticos e os membros do Círculo de Viena. Para Wittgenstein, ter encontrado um método filosófico “era mais importante do que chegar a resultados, verdadeiros ou não” (MORENO, 2001, p. 277).

Com relação à narrativa de Mosca (2020), verifica-se um ponto de intersecção mais adiante, quando Moreno (2001) – valendo-se da diferença entre persuadir e convencer, pontos-chaves da exposição da conferencista – explica que a reflexão filosófica deve intervir na *vontade* dos interlocutores, jamais *convencendo-os* da verdade a partir da apresentação de razões ou fundamentos últimos, mas *persuadindo-os* a perceber, admitir e respeitar novos pontos de vista sobre o sentido dos conceitos numa *ação voluntária*.

Oliveira (2007), em sua tese, correlaciona o diálogo com a discussão/debate, destacando que enquanto o *convencer* está ligado ao primeiro – sobretudo por visar à abertura de questões, ao compartilhamento e à pluralidade de ideias, bem como à interação entre as partes e o todo –, o *persuadir* estaria melhor posicionado no segundo conceito, por buscar fechar questões, demarcando posições, defendendo ideias, descartando aquelas “vencidas” e buscando acordos.

O autor pondera, entretanto, que as relações supracitadas não pretendem hierarquizar, tampouco atribuir juízo de valor ao diálogo ou à discussão/debate, sobre qual seria supostamente melhor, pois ambas se constituem como modos distintos – e complementares – de argumentação. Nas palavras do autor:

Esta ausência de uma hierarquização é imprescindível, porque há situações em que precisamos *dialogar* e circunstâncias nas quais precisamos *discutir* e *debater*, há casos em que o *persuadir* é necessário, porque existe a real necessidade de mover o indivíduo para uma ação, enquanto há casos em que é preciso ser *convincente*, ou seja, apresentar boas justificativas para sustentar uma tomada de posição. As opções são adotadas conforme as circunstâncias, o tipo de auditório, os valores que são reconhecidos pelos interlocutores, etc. Além disso, como as opções são acolhidas no próprio



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

contexto argumentativo, na prática, a separação entre uma coluna e a outra não se mostra tão estanque (OLIVEIRA, 2007, p. 132, grifos do autor).

2.4 Quarta Exposição: Prof. Dr. José Benjamim Picado Sousa e Silva

O Prof. Benjamim Picado inicia sua exposição afirmando que a narrativa parece estar presente em um conjunto muito variado de fenômenos, processos e práticas designadas. Encontrar um núcleo definidor desse termo, segundo ele, constitui uma tarefa intelectual significativa, da qual uma disciplina como “Introdução às Teorias da Narrativa” não pode se esquivar de investigar. Picado (2020a) coloca, ainda, que o termo *narrativa* é abundantemente utilizado para coisas muito diferentes entre si e que, por vezes, não são unificáveis em sua pluralidade de manifestações.

O ponto é que nem todos estes fenômenos, processos, práticas e sentidos designados pela narrativa emergem da mesma fonte conceitual quando precisamos falar sobre narrativa em uma perspectiva teórica, daí a importância, apontada por Picado (2020a), de recapitular os vários modos de se referir à narratividade e clarificar quando a atividade do narrar é confundida com outras assemelhadas, dentre as quais: testemunho, descrição, relato ou reportagem.

Já no escopo das fronteiras conceituais, o Prof. Benjamim Picado divide esses limites didaticamente em dois planos: interno e externo. No primeiro, “o ato narrativo é tomado tanto em sua diferença quanto na proximidade a outros tipos de discurso” (PICADO, 2020a), reconhecendo-se que na narrativa há um conjunto de características, elementos e relações próprios da narratividade e não necessariamente encontrados, por exemplo, em reportagens, relatos ou descrições.

No segundo, o ato narrativo evoca as entidades e eventos representáveis discursivamente, na definição dos gêneros mais importantes e característicos da narrativa – o dramático, o propriamente narrativo, a comédia, a tragédia, a epopeia – ou das diferentes materialidades empregadas pelo discurso: o fato de que a cultura



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

narrativa envolve o cinema, o teatro, os quadrinhos, a fotografia, a literatura. Com isso, demarcam-se os limites do conceito de narrativa, de modo a não o confundir com seus elementos externos, isto é, com as características materiais e os recursos através dos quais ela pode ser, de alguma maneira, construída (PICADO, 2020a).

Ainda que a narrativa possa ser entendida equivocadamente como restrita ao domínio da expressão literária, Picado (2020a) salienta que vários outros domínios culturais, que não apenas o literário, dão inúmeros exemplos de como a narratividade transcende essa delimitação à literatura, ainda que seja ela, dentro de suas disciplinas, o campo de conhecimento que desenvolveu de maneira mais potente e densa as categorias, os conceitos centrais e as operações analíticas fundamentais ao exame da narratividade.

Para melhor fundamentação, o Prof. Benjamim Picado expõe que a narrativa é uma representação, real ou fictícia, que “pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias” e está presente em inúmeras manifestações: mito, lenda, conto, novela, tragédia, comédia, pintura, cinema, conversação (BARTHES et al., 2009, p. 19, apud PICADO, 2020a). Dessa forma, os acontecimentos representados pela narrativa são significados por mudanças de estados que acometem todo tipo de objeto ou evento, em uma lógica própria a universos discursivos e com respeito a princípios de consequencialidade (KINDT; MULLER, 2003 apud PICADO, 2020b).

Dada a vastidão no horizonte de gêneros e formatos culturais através dos quais a narratividade emerge e a multiplicidade de pontos de vista pelos quais se pode abordar essa infinidade de narrativas (histórico, psicológico, sociológico, etnológico, estético) (BARTHES et al., 2009, p. 20-21 apud PICADO, 2020b), podemos observar a delimitação de dois planos: (1) os sistemas de significação que servem à narratividade (linguagem oral, linguagem escrita, imagem, gesto e suas conurbações); (2) as formas culturais das matrizes e produtos culturais nos quais a narratividade



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

aparece (literatura, cinema, teatro, quadrinhos, reportagem, conversas). Esses planos compreendem o problema central da narratividade no pensamento das ciências sociais e humanas, como sugere Picado (2020b).

Na segunda parte de sua exposição, elucidam-se os elementos da narratividade, a saber: ações, sequências, agentes e cenários – sendo este o mote que norteou a conferência da Prof.^a Lineide Mosca. Temos representações de ações, sequências de acontecimentos, acrescentando-se a isso agentes, personagens ou caracteres e lugares/espacos nos quais esses acontecimentos e essas sequências conjugam todos os elementos da narratividade.

Quanto à necessidade, ao se abordar a narrativa em uma perspectiva teórica, de se olhar para a variedade dos materiais, substâncias, estilos e escolas através dos quais a narrativa se exprime, buscando alguma unidade conceitual, observa-se que:

Nem tudo é (uma) narrativa e nem toda representação é narrativa. Para uma entidade [não necessariamente literária] ser uma narrativa, ela deve ser analisável como a representação da transformação (não aleatoriamente conectada, não simultânea e não contraditória) de um (ou mais de um) estado de coisas, um (ou mais de um) evento não logicamente pressuposto pelo estado transformado e/ou não implicando logicamente sua transformação. (KINDT; MULLER, 2003, p. 5-6 apud PICADO, 2020b).

Dito de outro modo, a narrativa é uma representação de acontecimentos na medida em que é expressa por uma mudança ou transformação de estado(s), como, por exemplo, uma personagem que ora está em um lugar, ora em outro; ou, ainda, que está em sono profundo, sonhando, e então acorda. A narrativa emerge nessa mudança de estado, representando os acontecimentos que aí se deram – ou se dão (PICADO, 2020b). O Professor salienta, entretanto, que há eventos que não necessariamente se caracterizam por uma transformação, mas pela permanência em um mesmo estado, isto é, ações que não se desdobram ao longo do tempo, mas, ainda assim, que podem ser restituídas a uma ordem narrativa (PICADO, 2020b).

Já no final da aula, Picado (2020b) explana que os *eventos* que ocorrem no tempo – e englobam *ações/acometimentos* situados no plano da *história* – seriam



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

apenas um dos componentes da narratividade, pois não há narrativa se esses eventos não implicarem também em *existentes*, entendidos como os *personagens* (que agem ou sofrem uma ação no contexto de um acontecimento, porém não necessariamente humanos, já que até mesmo robôs, se significados narrativamente, podem nos concernir) e os *cenários* (CHATMAN, 1978 apud PICADO, 2020b).

A unidade aristotélica de pessoa, lugar e tempo é que conferiria substância ao sentido de mudança que é próprio da ordenação narrativa; “para além de representar transformações, uma narrativa inscreve as mecânicas dessas transformações a uma sucessão de eventos que devem necessariamente conter personagens e ambientes, de modo a figurar, compreensivelmente [para nós], como uma narrativa” (CHATMAN, 1978 apud PICADO, 2020b).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposição do exercício que culminou com este ensaio ocorreu em meio a um estudo sequencial da primeira parte das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein. A atividade fora apresentada pelo Prof. Dr. Eduardo Chagas Oliveira em etapas e, embora seu delineamento não nos estivesse completamente claro desde o início, pois um dos objetivos era encontrá-lo no decorrer de sua execução, o título das primeiras exposições bem como seus respectivos conteúdos apontavam para uma futura mixagem de conceitos com os quais estávamos familiarizados e para o desenvolvimento da competência de encontrar pontos convergentes entre as diferentes narrativas que foram homeopaticamente acrescentadas.

O glossário, sendo um dos resultados requeridos para o exercício e apresentado neste ensaio como notas de rodapé, serviu como um índice remissivo; ao passo em que estimulou a competência de construir conceitos a partir de



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

explicações amplas de cada uma das exposições, serviu como um instrumento útil para a constante revisão conceitual e comparações que se revelassem fortuitas.

Ao final deste percurso, elucida-se a estreita relação entre o ponto que une as exposições teóricas de cada um dos docentes discutidos com a tese que norteia as *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein: as palavras que compõem nosso repertório de linguagem ganham significação a partir de seu emprego (WITTGENSTEIN, 1999), que, por sua vez, precisa estar imbricado com a lógica.

Como afirma Moreno (2016), sem linguagem sequer pensamos. A materialização dos conceitos – seu uso próprio – integra o gênero dos jogos de linguagem, explorados sistematicamente ao longo da primeira parte do livro em questão e mais bem sintetizados na segunda parte, constituindo uma oportunidade para revisar e aprimorar este trabalho.

Ademais, em consonância com o raciocínio perelmaniano, segundo o qual “o objeto específico da investigação filosófica consiste no estudo sistemático das *noções confusas*” (DUPRÉEL, 1912 apud OLIVEIRA, 2007, p. 34), a multiplicidade de significações designadas por um valor ou uma qualidade dissipa-se apenas no interior do contexto social que lhe emana, por reduzi-lo(a) a um número progressivamente menor de sentidos, ou até mesmo restringindo-o(a) a um único, quando possível, de modo a torná-lo(a) menos confuso(a) (OLIVEIRA, 2007).

Segundo o Prof. Arley Moreno, fazemos escolhas, ainda que sem perceber, e assim construímos o que é de fato. Se estruturamos nossas regras de pensamento e comportamento na medida em que vamos agindo, observam-se, portanto, *constantemente*. São esses os *usos próprios da linguagem*, fundamentados na palestra do Prof. João Carlos Salles, que apontam para uma intrínseca relação entre ação, pensamento e linguagem – que se referem, respectivamente, à ação bruta, a como refletimos sobre ela e àquilo que dela exprimimos ou como a exprimimos (MORENO, 2016). Isso porque a ação humana é sempre uma ação com sentido, e tal sentido, que consiste



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

na dimensão do simbólico, advém justamente da conjugação daquele tripé, numa condição de inseparabilidade (MORENO, 2016).

O meio pelo qual a ação exprime-se não pode ser outro senão a própria linguagem. Conforme instrui o Prof. Arley Moreno, agimos e dizemos ou, ainda, agimos e pensamos – aqui não numa perspectiva seriada, *do que vem primeiro e do que vem depois*, mas de elementos conjugados, como um modo de evidenciar uma ação que não é irrefletida, mas pensada e dita. Esta fala vai ao encontro do que fora discutido em subseções anteriores: a filosofia, inserida naqueles *usos próprios da linguagem*, desloca esta linguagem de seu uso mais pragmático para a *condição de pensamento* (SALLES, 2015); assim, não se tem um uso artificioso da expressão, mas uma articulação de palavras como reflexo de um *bem pensar* (MOSCA, 2020).

Desse modo, a educação, em seu sentido mais amplo, faz-se *da, para e pela* linguagem, sem a qual a comunicação não é possível. Todavia, mais do que somente formar enunciados inteligíveis, a educação – especialmente nas humanidades, embora não apenas nelas – precisa valer-se da retórica para formar cidadãos que saibam, sobretudo, reconhecer o poder da linguagem no discurso a fim de que não se incorra em falsas dicotomias, narrativas falaciosas ou disruptivas e fomento a modelos políticos que ponham em risco o diálogo, o debate e/ou a discussão de ideias, como nos é possível pela democracia.

REFERÊNCIAS

MORENO, Arley Ramos. **Memória Científica**. Programa organizado e transmitido pela RTV Unicamp, Campinas, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2TJCTiKBf64>>. Acesso em: 25 out. 2020.

MORENO, Arley Ramos. Wittgenstein e os valores: do solipsismo à intersubjetividade. **Natureza Humana**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 233-288, jul.-dez. 2001. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v3n2/v3n2a02.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2020.



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. **Retórica e Argumentação na trilha do tempo: desafios e perspectivas...** 2020. Exposição feita no evento *on-line* Conferências Dialógicas, Feira de Santana, 2020.

OLIVEIRA, Eduardo Chagas. **A “nova retórica”**: da “regra de justiça” ao “ad hominem”. 2007. 231 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <<https://philpapers.org/archive/OLIANR.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2022.

PICADO, José Benjamim. **Delimitando a Narrativa (parte 1)**: conceitos e fronteiras. Primeira aula do curso “Introdução às Teorias da Narrativa” (GEC 114), Niterói, 2020a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D6o68wHc0WA&list=PLfZ8L225WKMFJGRshg6woXWKFB24BZNW7&index=4>>. Acesso em: 19 out. 2020.

PICADO, José Benjamim. **Delimitando a Narrativa (parte 2)**: os elementos da narratividade. Primeira aula do curso “Introdução às Teorias da Narrativa” (GEC 114), Niterói, 2020b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iU_AoC_RD1Y&list=PLfZ8L225VKMFJGRshg6woXWKFB24BZNW7&index=5>. Acesso em: 19 out. 2020.

SALLES, João Carlos. **Ciência e Filosofia em Wittgenstein...** 2015. Exposição feita no evento Café Científico Salvador, Salvador, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WbUBbbujROk>>. Acesso em: 6 out. 2020.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999. 207 p. (Coleção Os Pensadores).

CREDENCIAIS DO AUTOR

SILVA, Allison Carvalho. Egresso do Grupo de Estudos em Direito, Linguagem e Produção do Conhecimento pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), do qual fez parte voluntariamente no ano de 2020 durante a Graduação em Direito, interrompida em 2022. Graduado no Curso Superior de Tecnologia em Gestão Hospitalar pela Universidade Salvador (UNIFACS-2021). Desde 2022, é servidor público na UEFS, Área Administrativa. E-mail: acsilva@uefs.br. Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/2426081084240023>>.



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718